

Qual é a diferença entre arte e design?

Por Rique Nitzsche

Mergulhando na origem das palavras e no conceito do design thinking.

Uma questão polêmica entre os grupos de *workshops* os quais tenho participado provêm da minha declaração: «Arte é design». Acredito que isso aconteça pelo fato de que as referências às obras de arte que costumamos ver nos livros educacionais são muito anteriores às referências aos trabalhos de design. Portanto, a frase soa estranha ao ouvido das pessoas.

Quem passeou pelas páginas de um livro sobre a história da arte, viu as imagens pré-históricas das pinturas rupestres ou das primeiras esculturas com algumas dezenas de milhares de anos. Porém, os livros dos historiadores do design também começam com essas mesmas imagens geradas pela necessidade humana de comunicação.

No início da civilização, a manifestação artística teria funções místicas para tentar entender o mistério da vida humana dentro da natureza. A palavra original latina *ars, artis* significava habilidade técnica em algum exercício humano. Hoje, a palavra ainda gera debates e permanece indefinida. A definição de arte pode variar no tempo, no tipo de cultura ou na subjetividade humana. Há quem diga que as sociedades pré-industriais não possuíam um conceito para designar arte.

Victor Papanek relata sua experiência entre os balinenses e os *inuits*. Ambas as culturas não possuem uma palavra para o conceito de «arte» ou «artista». «Enquanto os balinenses dizem “não temos arte, apenas fazemos o melhor que podemos”, a expressão *inuit* é “um homem deve fazer todas as coisas corretamente”». Entre os *inuits* não existem as palavras «criar» ou «fazer» como conhecemos. O conceito mais próximo é «trabalhar com». A arte se confunde com a vida.

Embora a palavra «arte» seja milenar, a palavra «artista» é registrada na Itália somente no século XIV indicando os artesãos e os que praticavam artes liberais. As palavras «artificial», «artifício» e «artesanato» foram geradas com o antepositivo *art(i)*, elemento de composição derivado do latim *ars, artis*.

A palavra «artifício» entrou no meu radar quando estava estudando matemática e entendi que um artifício repetido algumas vezes se transforma em um método algorítmico. Novamente, os filólogos registram a palavra no século XIV como conhecimento técnico, ofício, ocupação, habilidade. A outra palavra em questão é «artificial», que somente foi percebida no século XV, significando algo que envolve artifício, que é produzido pela mão do homem, não pela natureza.

Olhando a história da humanidade, nós começamos a exercitar artifícios quando nos transformamos em *homo habilis*, há 2 milhões de anos atrás, batendo uma pedra contra outra para produzir um instrumento pontiagudo, cortante ou intimidante a partir de uma pedra comum. Criou-se uma metodologia que funcionou elevando a nossa possibilidade de sobrevivência. Ninguém àquela ocasião imaginou estar exercitando um artifício. Embora os

humanos pratiquem o que as palavras significam, elas só irão entrar na comunicação muito tempo depois.

O conceito de design começa a surgir também no século XIV, como as palavras «artista» e «artifício». Mas o entendimento do profissional de design, o designer, somente aparece 300 anos depois, no século XVII nos preâmbulos da Revolução Industrial, na transição do artesanato para a manufatura industrial, quando alguém fazia um projeto de algo que seguiria em um processo de cópia massificada. Como curiosidade, quando William Shakespeare escreveu suas peças imortais, a palavra «design» existia, mas «designer» ainda não. Estima-se que existam hoje 540 mil palavras na língua inglesa, cinco vezes mais que no tempo em que Shakespeare foi capaz de escrever tantas obras magníficas. Os dicionários são orgânicos e não param de crescer.

Quando comecei a estudar a metodologia do design thinking, descobri o mestre Herbert A. Simon, um psicólogo que conquistou o Nobel de Economia com sua «pesquisa precursora no processo de tomada de decisões dentro de organizações econômicas». Em 1947, Simon oferecia três elementos essenciais na sua teoria de tomada de decisão: inteligência, design e escolha, nessa ordem. Em seu entendimento, design é uma capacidade natural do ser humano.

Em 1969, ele lança o livro *Sciences of the Artificial*, onde diz que «artificial é o fabricado pelo homem, por oposição ao natural». No livro, Simon diz que as ciências naturais se «ocupam de como as coisas são» e que o design se interessa por «como as coisas devem ser». Dito de outra forma, o design procura «a concepção de artefatos que realizam objetivos». Simon entendia que TODAS as organizações humanas são produtos da prática do design. Uma frase sua povoou repetidamente os textos teóricos sobre design thinking: «Faz design quem projeta cursos de ação com o objetivo de transformar situações existentes em outras situações preferidas».

A partir do pensamento de Simon, os teóricos do design thinking dizem que «arte é design», assim como a engenharia, medicina, negócios, arquitetura e pintura que estão relacionados «não como as coisas são, mas como elas podem ser... em resumo, com design». Toda a cultura humana foi gerada a partir de um processo de design. Porém, se toda arte é resultado da prática do design, poucas manifestações de design podem ser consideradas como obras de arte.

Como dizia o mestre Papanek em 1971:

«Design é compor um poema épico, executar um mural, pintar uma obra de arte, escrever um concerto. Mas design também é limpar e reorganizar uma gaveta, puxar um dente encravado, assar uma torta de maçã, escolher os lados para um jogo de beisebol em um descampado e educar uma criança. Design é o esforço consciente para impor a ordem com significado».

Design e arte também têm uma característica em comum, ambas são manifestações essencialmente criativas. A criatividade está dentro de todos, assim como a capacidade de gerar design e arte. Todos nós nascemos com essas habilidades que vão sendo desativadas ao longo da nossa educação. Os adultos resilientes que conseguem manter uma confiança criativa são artistas e designers espontâneos. Entre eles estão os que se dedicaram à aprender mais profundamente as ferramentas que facilitam a prática da arte e do design e se tornaram profissionais. Porém, acredito profundamente que TODOS podem conseguir destravar a sua criatividade e colaborar para a construção de um mundo melhor.

Li recentemente em um livro chamado *Creative Confidence*, dos irmãos Kelley, que entre os tibetanos não existe uma palavra para expressar o conceito da «criatividade» ou «ser criativo». A tradução mais próxima é «natural». «Em outras palavras, se você deseja ser mais criativo, você deve ser mais natural», assim como as crianças no jardim de infância. Uma das maiores artistas brasileiras, a gravurista e desenhista Wilma Martins disse, aos 79 anos, que «passo um tempo costurando, depois desenhando, cuidando do jardim. Para mim, não tem muita diferença. Tudo vale a pena».

Para encerrar e citando novamente Papanek, esse texto é dedicado «aos meus alunos, pelo que me ensinaram», particularmente às gurias Ana Berger e Caroline Bücker e ao amigo Andre Bello que acreditam na transformação das pessoas e do mundo.

Publicado em 05/02/2014

FOROALFA

ISSN 1851-5606

<https://foroalfa.org/pt/artigos/qual-e-a-diferenca-entre-arte-e-design>

